

A EDUCAÇÃO É UMA IDEIA, SEGUNDO KANT: A UNIDADE DOS CONCEITOS DE DOCTRINA E ARTE DE EDUCAR

[THE EDUCATION IS AN IDEA, FOR KANT: THE UNITY OF THE DOCTRINE AND ART OF EDUCATION CONCEPTS]

*Tomaz Martins da Silva Filho **

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará, Brasil

RESUMO: Nos escritos kantianos sobre o tema da educação (Erziehung), podemos perceber que o filósofo refere-se ao processo educativo de diversos modos, seja como sendo uma arte de educar (Erziehungskunst), como formação (Bildung), como doutrina da educação (Erziehungslehre) ou como sendo uma ideia (Idee). Essa multiplicidade de noções não é de modo algum arbitrária, mas cada uma se relaciona entre si e tem como ponto fulcral o conceito de educação como uma ideia, isto é, um conceito da razão que seja a medida do que se pretende, assim como a condição de possibilidade da própria experiência educativa. Sendo, desse modo, para todos os casos, um máximo como medida em consideração a outras grandezas menores. Na recomposição do conceito de educação, a ideia é o princípio regulador da teoria ou da doutrina da educação, a arte certamente é a habilidade que desenvolverá em concreto o que foi raciocinado no cânon doutrinário. Isso posto, a educação, enquanto ideia, assume a função reguladora da perseguição de fins, sendo ela o fim da doutrina da educação e, para a arte de educar, isto é, para a pedagogia (Pädagogik), ela é o máximo grau de perfeição a que se deve comparar a educação do tempo presente.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Ideia; Doutrina da educação; Arte de educar; Pedagogia.

ABSTRACT: In Kantian writings on the theme of education (Erziehung), we can see that the philosopher refers to the educational process in different ways, whether as an art of educating (Erziehungskunst), as training (Bildung), as a doctrine of education (Erziehungslehre) or as an idea (Idee). This multiplicity of notions is by no means arbitrary, but each one is related to each other and has as its central point the concept of education as an idea, that is, a concept of reason that is the measure of what is intended, as well as the condition of possibility of the educational experience itself. It is thus, for all cases, a maximum as a measure in consideration of other smaller magnitudes. In the recomposition of the concept of education, the idea is the regulating principle of the theory or doctrine of education, art is certainly the ability that will develop in concreto what was reasoned in the doctrinal canon. That said, education, as an idea, assumes the regulatory function of the pursuit of ends, it being the end of the doctrine of education and for the art of educating that is for pedagogy (Pädagogik) it is the maximum degree of perfection to which the education of the present time must be compared.

KEYWORDS: Education; Idea; Doctrine of education; Art of educating; Pedagogy.

INTRODUÇÃO

A educação em Kant é um plano que visa desenvolver as disposições naturais para a vida em sociedade, para o progresso da cultura e, principalmente, para a moralidade.¹ A educação não é um processo arbitrário, mas um mecanismo habilidoso que produzimos para desenvolver de modo mais eficaz e racional aquelas disposições,

* *Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe. Professor de filosofia no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Pará desde 2016. É membro pesquisador do Grupo de Pesquisa interdisciplinar de humanidades - GPH. E-mail: tomaz.martins@ifpa.edu.br*

pois como se trata de um plano, a educação deve considerar como as coisas acontecem, tanto quanto, também como deveriam acontecer, já que com “[...] a educação presente, o homem não atinge plenamente a finalidade da sua existência.” (KANT, 1996, p. 17). Levando tal assertiva em consideração é que o projeto educativo, em sua totalidade, é uma série infinita de aperfeiçoamento, ao passo que a educação de cada época é sempre limitada e defeituosa, logo, é sempre carente de melhoramentos. É necessário saber, portanto, que o momento presente da educação nunca pode ser o parâmetro para verdadeiramente educar a espécie, embora, a experiência educativa, é o mais valioso contributo que uma geração possa oferecer a outra. A partir disso, podemos pensar que a experiência, de modo geral, desempenha papel importante na filosofia kantiana, sem ela não se pode, de um ponto de vista especulativo, progredir em conhecimento algum, portanto, qualquer aprendizado deve leva-la em conta, na educação não pode ser diferente, principalmente no que concerne à experiência educativa de cada geração.

Não é o bastante afirmar que a experiência tem significativa relevância na filosofia da educação kantiana, é preciso esclarecer seu papel no processo educativo, pois bem se nota que em toda a filosofia prática kantiana, a experiência enxerta inúmeros móveis sensíveis a fim de fazer o juízo moral vacilar, visto que na educação prática não há nada de mais importante que a moralidade, como pode a diversa experiência educativa ser útil para a educação como um todo? Isso somente é possível, podemos supor, se a educação for considerada como uma ideia. Porém, Kant em seus escritos sobre educação, conceitua o processo educativo como sendo: uma arte (*Erziehungskunst*), como formação, como doutrina (*Erziehungslehre*) e como ideia (*Idee*). Sobremaneira, é importante buscar entender a relação entre ideia e experiência, pois somente assim, perceberemos o papel dessa última numa arte de educar, e da primeira numa doutrina da educação. É a doutrina, propriamente, que sistematiza o desenvolvimento das disposições naturais no processo educativo, a partir disso, pode-se perceber como a ideia de educação dá unidade à experiência educativa, isto é, o aprendizado que as sucessivas gerações tiram da educação passada e do tempo presente. Assim, o objetivo desse artigo é relacionar as diversas noções sobre o conceito de educação presente na *Pedagogia*² e em outros escritos kantianos, tendo como objetivo evidenciar que a educação, enquanto um conceito, é uma ideia (*Idee der Erziehung*).

A IDEIA DE EDUCAÇÃO

Levando em conta a relação entre a educação, considerada como uma série infinita de aperfeiçoamento e, a educação como um plano de desenvolvimento das disposições naturais, é fundamental a constatação que Kant (2010, p. 56) faz sobre a experiência e sua relação com a razão na *KrV*.

A experiência é, sem dúvida, o primeiro produto que o nosso entendimento obtém ao elaborar a matéria bruta das sensações. Precisamente por isso é o primeiro ensinamento e este revela-se de tal forma inesgotável no seu desenvolvimento, que a cadeia das gerações futuras nunca terá falta de conhecimentos novos a adquirir neste terreno. Porém, nem de longe é o único campo a que se limita o nosso entendimento. É certo, que a experiência nos diz o que é, mas não o que deve ser, de maneira necessária, deste modo e não de outro. Por isso mesmo, não nos dá nenhuma verdadeira universalidade e a razão, tão ávida de conhecimentos desta espécie, vê-se mais excitada por ela do que satisfeita.

Ainda que no plano especulativo, o citado trecho não se limita a descrever a relação da razão com a experiência a respeito somente da ideia na razão pura. A razão exige que se busque na experiência algo que corresponda a suas ideias, e como não

encontra, isso a estimula em sua busca de respostas para questões impostas por sua própria natureza. Destarte, o papel da experiência, tanto na filosofia especulativa como na educação prática, é dizer como as coisas são, enquanto a razão, especialmente em seu plano prático, diz como elas devem ser. É necessariamente no uso prático da razão que seus conceitos, isto é, as ideias “[...] tornam possível, antes de tudo, a própria experiência (a experiência do bem), embora nunca possam nela ser perfeitamente expressas [...]” (KANT, 2010, p.312). A partir disso, não é a experiência que dita aquilo que será realizado, ao contrário, é a ideia mesma que regula a experiência, porque ela é sua condição de possibilidade. A partir disso, é possível compreender como um conceito da razão é diferente de um conceito empírico, pois transcende a possibilidade da experiência (KANT, 2010, p. 313), uma vez que ele é a própria condição para essa possibilidade. Logo, uma ideia jamais poderá ser vista como uma representação de algo dado na experiência, ela é um conceito da razão que não deve ser confundido nem com intuições, nem com sentimentos, porque como tal, não pode ser representado adequadamente nenhum objeto na experiência. (KANT, 2006, p. 91). Conquanto haja casos particulares que esclarecem a ideia da qual fazem parte, tais casos não são propriamente cópias das ideias, mas um exemplo aproximativo, nesse sentido, os casos particulares de exemplificação da ideia são chamados de ideais.

Uma “[...] Ideia é uma regra universal *in abstracto*, enquanto o ideal é um caso particular que coloco sob tal regra. Por exemplo, o Emílio de Rousseau e a educação que deve ser dispensada a ele é uma verdadeira ideia da razão.” (KANT, 2019, p. 55). O ideal tem a função de elucidar as ideias da razão, a fim de que não se perca a direção determinada pelos princípios que nelas se regulam. Por exemplo, para o conceito de filosofia tem-se o ideal do filósofo, mesmo ainda distante da ideia, porque “[...] o ideal nunca expressa toda a ideia por causa dos obstáculos *in concreto*, e, no entanto, a ideia é aquilo segundo o qual o ideal deve vir a ser ajuizado.” (KANT, 2021, p. 179). Temos que considerar os dados da sensibilidade, que estando distantes da ideia, estão também de qualquer ideal, como é o caso da dignidade de ser chamado de filósofo, pois “[...] seria demasiado orgulhoso chamar-se a si próprio um filósofo e pretender ter igualado o arquétipo, que não existe a não ser em ideia.” (KANT, 2010, p.530). Todo ideal subsiste na ideia, sem ela não se pode vislumbrar a perfeição do ideal, que só tem sentido e completude nela, porque como conceito da razão regula qualquer noção que façamos do ideal. Podemos notar isso na *Religião* com relação ao Santo do Evangelho:

Este homem, o único agradável a Deus, “está nele desde a eternidade”; a sua ideia respectiva promana do seu ser; não é, por isso, uma coisa criada, mas o seu Filho unigênito; “a palavra (o “faça-se”!), pela qual todas as coisas são e sem a qual nada do que foi feito existe” (pois por mor dele, do ser racional no mundo, tudo foi feito, tal como se pode pensar segundo a sua determinação moral). – “Ele é o reflexo da sua glória.” – “Deus amou nele o mundo” e só nele e mediante a adopção das suas intenções podemos esperar “tornar-nos filhos de Deus”, etc. Ora elevar-nos a este ideal da perfeição moral, ao arquétipo da intenção moral na sua total pureza, é dever humano universal, [...]” (KANT, 2008, p.66)

As passagens bíblicas citadas por Kant querem expressar a dignidade do ideal, sobretudo, a aquilo que está acima dele, a ideia. Nesse caso a ideia é Deus, e o ideal é o reflexo de sua gloriosa moral, ou seja, o ideal é o arquétipo da intenção moral na sua total pureza, por isso, um ideal de perfeição que está ligado de tal modo à ideia que pode ser para nós um exemplo (*Exemple*), somente a partir dele pode considerar os demais como exemplos (*Beispiel*), do contrário invertemos a ordem e passamos a guiarnos por meros símbolos, que são invólucros que oferecem meramente ídolos e não fazem progredir rumo à ideia, a qual é um conceito de uma “[...] perfeição de que

sempre se pode aproximar, mas nunca alcançar completamente.” (KANT, 2006, p. 91).

No que tange à ideia de educação, podemos nos conduzir pelo exemplo que Kant dá, do fato de querermos extrair conceitos de virtude da experiência “[...] teria convertido a virtude num fantasma equívoco, variável consoante o tempo e as circunstâncias e inutilizável como regra.” (KANT, 2010, p.310). De igual modo, se consideramos a educação meramente como algo que se aprende mediante a experiência, a veremos como um processo fragmentário que em nada desenvolve as disposições naturais da humanidade, apesar de, é verdade, não podermos dispensar a experiência no processo educativo. Porém, quando se trata de educação prática, a experiência nos mostra que o homem pode atingir seus fins pragmáticos por meio daquilo que a natureza mesma já lhe fornece; uma disciplina pragmática retirada dos erros e acertos sobre as coisas mundanas. Quanto aos fins morais da educação prática, a ideia de educação (*die Idee einer Erziehung*) é primordial, pois sem ela não se pode recorrer a outras ideias ligadas ao imperativo de moralidade, tampouco dar unidade aos passos que o processo educativo da vontade tem de percorrer rumo à ideia mesma de moralidade e de autonomia.

Portanto, conceber a educação como uma ideia que, regula a formação moral, evita uma compreensão empirista na qual se acredita que é a educação quem produz a moral. Como se trata exatamente do contrário, a moral pode conduzir a educação, precisamente porque, antes de ser uma técnica, é uma ideia consoante com a ideia de moralidade. É por isso que, apesar de no empirismo moral afirmar-se que “[...] a consciência moral é um produto da arte e da educação e que ela julga e absolve de acordo com o hábito.” (KANT, 2018, p. 309), é a moralidade que precede a arte de educar e faz com que essa se guie por uma ideia. Outro é o papel da arte de educar e da instrução; “[...] devem, certamente, conduzir à destreza para a qual já possuímos, por natureza, uma disposição.” (KANT, 2018, p. 309). A pedagogia, seja em quanto doutrina ou como arte, desenvolve a destreza, mas não é a origem da moralidade, uma vez que, para a moralidade exige-se um processo educativo pelo qual os fins práticos sejam atingidos. Tal exigência dá-se pela própria razão quando suscita no homem a ideia de educação, a qual é quem norteia a pedagogia no desenvolvimento da destreza, assim como, o fim que as habilidades, de modo geral, devem apontar; a moralidade.

Podemos perceber que o problema da educação é similar ao abordado na *Fundamentação* quanto à moral. Na moralidade não é a experiência que fornece o padrão dos juízos morais, de igual modo, na educação não é a experiência quem dará o princípio regulador para o processo educativo, inclusive pelo fato de que a finalidade da educação não pode ser fornecida pela própria experiência. No processo educativo, a unidade entre a disposição para a moralidade e as demais disposições naturais é dada somente pela ideia de educação. Não é a experiência que deve ser observada, mas a ideia de educação que desenvolva as disposições naturais do homem rumo a seu melhoramento moral. Todavia, é preciso levar em conta que apesar dos conceitos da razão não encontrarem correspondência na experiência, não quer dizer que sejam meras fantasias, por isso, não “[...] podemos considerar uma Idéia como quimérica e como um belo sonho só porque se interpõem obstáculos à sua realização.” (KANT, 1996, p. 17). A ideia é a medida do que se pretende, assim como a condição de possibilidade da experiência, logo, “Se esse máximo for uma medida em consideração a outras grandezas que são menores, tal medida é uma ideia. Mas se for um modelo de outras, então é um ideal.” (KANT, 2018, p. 424). As ideias e, especificamente, a ideia de educação, têm a função de nos prescrever a tarefa de fazer progredir, tanto quanto possível no desenvolvimento de nossas disposições.

A educação presente é um processo empírico que está justamente entre a ideia e sua realização ideal, por isso,

[...] qual seja o grau mais elevado em que a humanidade deverá parar e a grandeza do intervalo que necessariamente separa a ideia da sua realização, é o que ninguém pode nem deve determinar, precisamente porque se trata de liberdade e esta pode exceder todo o limite que se queira atribuir. (KANT, 2010, p. 311).

O trecho da *KpV* esclarece que a aproximação e o distanciamento que se faz de uma ideia, isto é, da realização do que se busca na ideia, não é possível determinar, nem quando essa se realizará, nem em quanto tempo levará para ocorrer. É necessário somente dizer que é possível, já que “[...] basta que a nossa ideia seja autêntica; em segundo lugar, que os obstáculos para efetua-la não sejam impossíveis de superar.” (KANT, 1996, p. 17), assim, sua realização não está impossibilitada, embora distante. Nesse caso, as ideias são fins, mas também causas eficientes da realidade empírica, à medida que dá princípios norteadores, como bem nota a *KrV*: “[...] nas coisas em que a razão humana mostra verdadeira causalidade e onde as ideias são causas eficientes (das ações e seus objetos), ou seja, no domínio moral.” (KANT, 2010, p. 311). Como se trata de um conceito da razão, a ideia diz respeito à totalidade das condições relativas a um condicionado e como tal, é incondicionada. Ela dá a regra pela qual possibilita a totalidade das condições incondicionadas, assim, detém a síntese do condicionado, por isso, é possível pensar para a educação do tempo presente uma doutrina que desenvolva a destreza e a prudência, mas não se limite somente a isso, possa “[...] trabalhar num esboço de uma educação mais conveniente e deixar indicações aos pósteros, os quais poderão pô-las em prática pouco a pouco.” (KANT, 1996, p. 17).

Posto isso, a ideia de educação trava relações com outras ideias práticas, ou sob elas se justifica seu cumprimento, a saber, a ideia de progresso, de moralidade, de humanidade e de autonomia. Essas ideias, no contexto do desenvolvimento das disposições naturais do homem, apontam para a ideia de educação, porque se é aceitável pensar um melhoramento moral do homem, é porque é possível tomar como norte uma ideia que contemple a realização dos fins morais e antropológicos em um só processo progressivo e cumulativo, de geração em geração no todo da espécie. Assim, é a ideia de educação que pode conduzir o homem à moralização, portanto, “[...] a formação moral lhe dá um valor que diz respeito à inteira espécie humana.” (KANT, 1996, p. 37). Mediante isso, o homem percebe a necessidade de educação, por causa da busca pela perfeição, por conta da própria natureza da razão, que não é outra coisa senão a faculdade transpor limites, e nisso empenha todas as suas forças com propósito muito além do instinto natural. A razão não conhece limites para o aperfeiçoamento de seus projetos, e nessa empreitada, em todos os sentidos, precisa de tentativas, de exercício e de ensinamentos, para progredir aos poucos, de um grau de inteligência (*Einsicht*) a outro. (KANT, 2016a, p. 22). A educação, como sendo um dos meios pelos quais o homem aperfeiçoa-se, indica que a razão mesma conduz o homem ao aperfeiçoamento mediante uma ideia; a de educação. A educação *in concreto* já mostra a necessidade de educar-se, a princípio, para melhorar o estado atual da vida e para o bom convívio social, porém, como a razão é a faculdade de transpor limites, pode levar o homem a ter motivos mais longínquos para sua educação; motivos que o façam verdadeiramente humano, isto é, motivos morais. Isso é justificável, porque a “[...] destinação final do gênero humano é a maior perfeição moral na medida em que é realizada através da liberdade do homem, meio através do qual ele é, nesse caso, capaz da maior felicidade.” (KANT, 2018, p. 505). Claro está que o homem educa-se para ser feliz, mas não somente isso, e sim para tornar-se humano. É especificamente esse ponto que exige dele uma racionalidade do processo educativo, um conceito racional de educação, deve ser uma teoria da educação.

A DOUTRINA E ARTE DE EDUCAR

Uma teoria ou doutrina da educação não deve apenas cuidar para que o homem seja feliz, mas que ele seja digno de felicidade. Assim, compreender a educação como uma ideia não é de modo algum uma dispensa da experiência, mas a regra de como se educa no tempo presente³. Nessa medida, a doutrina da educação pode cumprir a exigência do fim último da educação, o homem como cumpridor da lei moral, um sujeito autônomo, por isso, contendo em si a mais alta dignidade da pessoa humana. Uma doutrina da educação (*Erziehungslehre*) deve levar em conta que o homem precisa de tentativas, de exercício e de aprendizagem para avançar de forma gradual de um estágio do conhecimento para outro. Nesse percurso, a experiência desempenha papel fundamental na teoria da educação, pois evidencia que o homem não tem suas disposições completamente desenvolvidas e não pode desenvolvê-las individualmente, tão somente, na espécie⁴. Assim a educação em Kant é um processo pensado para o gênero humano no conjunto de sua espécie, a unidade de todos os seres humanos em todos os tempos, isto é, o homem coletivamente (*universorum*), nesse ponto, não se pode levar em conta apenas a soma dos indivíduos singulares (*singulorum*).

Isto posto, notemos que, se a ideia de educação nos conduz a uma doutrina da educação, essa somente pode ser vista como uma teoria para o desenvolvimento das disposições naturais. Uma teoria é “[...] um conjunto de regras práticas quando estas são pensadas como princípios numa certa universalidade, e aí se abstrai de um grande número de condições que, todavia, têm necessariamente influência sobre a sua aplicação.” (KANT, 1992, p. 3). Abstrair de um grande número de condições, significa que uma teoria da educação não toma como referência a experiência, mas lhe concede valor especial no processo que lhe cabe sistematizar, a fim de que ela mesma possa se efetivar. Dessa abstração e setorização da experiência é possível perceber que um “[...] projeto de uma teoria da educação é um ideal muito nobre e não faz mal que não possamos realizá-lo.” (KANT, 1996, p. 17). Tal teoria deve servir como um *organon*, já que como toda teoria de modo geral, tem seu propósito em esclarecer e manter, nesse caso, o processo educativo longe de erros, ou seja, tem a função de prescrever. Comparativamente, podemos observar o que afirma a *Metafísica* sobre a doutrina do direito: “Uma doutrina do direito meramente empírica é (como a cabeça de madeira na fábula de Fedro) uma cabeça que pode ser bela, mas que, lamentavelmente, não tem cérebro.” (KANT, 2013b, p. 36). Portanto, os fins imediatos da educação são a destreza no manejo das coisas, o uso da prudência na sociedade civil, todavia, esses fins são por sua vez meios para o propósito final da educação, a moralidade. Para tanto, a doutrina da educação deve estar inteiramente assentada na tarefa crítica da razão.

A doutrina da educação deve traçar um plano educativo que permita ao indivíduo, e, sobretudo, à espécie, esclarecerem-se. A medida que ela é teoria sobre a prática, mostra-se antropológica, logo, não se pode corroborar com a expressão corrente: pode ser correto na teoria, mas nada vale na prática, porque essa teoria não trata nada além do que aquilo que já está na natureza humana, à vista disso, trata daquilo que a experiência já evidencia no homem: “A natureza quis que o homem tirasse inteiramente de si tudo o que ultrapassa o arranjo mecânica da sua existência animal, [...]” (KANT, 2016a, p. 22), porque ele é passível de ser educado. Podemos imaginar o quão grande são as potencialidades da natureza humana que devem ser desenvolvidas, pois, segundo Kant (1996, p. 15), se existisse um ser de natureza superior que tomasse conta da nossa educação, veríamos o que poderíamos nos tornar. Porém, assim como, por um lado, a educação ensina alguma coisa aos homens e, por outro, não faz mais que desenvolver neles certas qualidades. Não temos esse ser superior para nos educar, em todo caso, a educação sem dúvida é o tipo de coisa que o homem tem que tirar de si mesmo, porque,

a “[...] espécie humana é obrigada a extrair de si mesma pouco a pouco, com suas próprias forças, todas as qualidades naturais que pertencem à humanidade.”(KANT, 1996, p. 11-12).

A teoria da educação, quando sua fundamentação está na ideia de educação, não pode ser acusada de inapropriada à experiência, já que o homem é consciente de um caráter em sua índole e não recebe esse caráter da natureza, mas precisa sempre tê-lo adquirido. (KANT, 2006, p. 180), então, deve extrair de si mesmo, dos poderes de sua razão, por meio da educação. O homem torna-se homem, mediante o uso de sua própria razão, dado isso, deve desenvolver as disposições originárias do bem presentes nele. Nisso, a experiência assume aspecto singular no processo educativo, sem ela não se pode notar que o caráter é adquirido e, por isso, aprende-se pela educação. Essa apreciação da experiência no que tange ao processo educativo, não é uma dissociação entre teoria e prática, sobre a qual nos adverte Kant (1992, p. 5): que não se deve ter um tom altivo e depreciativo, cheio de arrogância, em querer reformar, mediante a experiência, a própria razão até naquilo em que ela põe a sua mais alta glória. É necessário, outrossim, perceber que a educação é ideia, doutrina, mas também arte (*Kunst*), e portanto, toda “[...] arte necessita, porém, de certas regras mecânicas fundamentais, a saber, da adequação do produto à idéia que lhe serve de base, isto é, de verdade na exposição do objeto que é pensado.” (KANT, 2006, p. 114). Dessa forma, quando a arte de educar tem sua base na teoria e, esta sempre se guia pela ideia, evita-se que se tome a experiência como uma pseudossabedoria, fixada nela própria.

Porquanto, a ideia é o princípio regulador da teoria, a arte certamente é a habilidade que desenvolverá *in concreto* a doutrina da educação. É por considerar a educação como uma arte que propriamente podemos também chamá-la de habilidade por excelência, pode-se então, tomar o conceito de arte exposto na *KU*:

A arte se distingue da natureza do mesmo modo como o fazer (*facere*) se distingue do agir ou efetuar em geral (*agere*), e o produto ou consequência da primeira, como obra (*opus*), se distingue do último enquanto efeito (*effectus*). (KANT, 2016b, p. 200)

A arte implica um fazer que requer liberdade, seu produto não é meramente uma consequência do agir de modo geral. O fundamento do trabalho artístico não está em uma reflexão, mas num habilidoso saber fazer. Concebe-se um fim a partir da causa que o produziu devido a sua forma, portanto, a arte é uma habilidade desenvolvida à medida que “[...] mesmo sabendo completamente o que se tem de fazer, não possuímos imediatamente a capacidade para fazê-lo.” (KANT, 2016b, p. 201), logo, é preciso desenvolvê-la. Se consideramos a educação como arte, é preciso entender que ela está em constante aperfeiçoamento, portanto, precisamos de uma doutrina da educação, porque apesar de termos a capacidade de desenvolvê-la, não podemos por inteiro. Necessitamos de infinitas gerações para que possamos cumprir a tarefa de educar a humanidade inteira, assim, a doutrina da educação é sempre dependente de uma ideia de educação, como fim a perseguir infinitamente, porém, cada geração mirando essa ideia, melhorara pouco a pouco, é a partir disso que se pode afirmar:

[...] Uma geração educa a outra. Pode-se buscar o começo da humanidade num estado bruto ou num estado perfeito de civilização. Mas, neste último caso, é necessário admitir que o homem tenha caído depois no estado selvagem e no estado de natureza rude. (KANT, 1996, p. 11-12)

A doutrina da educação deve partir do mais básico no homem, qual seja, ele é um animal racional que traz em si certa selvageria (*Wildheit*). Sua animalidade em si, não é algo prejudicial, pois demonstra uma disposição para o bem, à medida que sendo

desenvolvida culmina na propagação e preservação da espécie. A arte de educar tem a penosa tarefa de retirar o homem da selvageria, inseri-lo na civilização e, por fim, iniciá-lo na moralidade. Por isso, para o filósofo, a arte de educar, como fazendo parte de uma das descobertas humanas mais difíceis, enfrenta dificuldades, porque é o maior e o mais árduo problema que pode ser proposto aos homens. (KANT, 1996, p. 20).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte de educar subsiste em função do desenvolvimento das disposições naturais, e por conta disso, ela enfrenta duas grandes dificuldades: em primeiro lugar, a dificuldade consiste no fato de ela ser uma habilidade que deve ser aperfeiçoada em vista do desenvolvimento de outras tantas habilidades. Nesse sentido, muitos conhecimentos dependem da educação, segundo Kant (1996, p. 20), e esta por sua vez depende daqueles conhecimentos. Assim, a educação progride lentamente, pouco a pouco, porque a arte de educar se desenvolve à medida em que cada geração transmite suas experiências e seus conhecimentos à geração seguinte, a qual lhes acrescenta algo próprio de cada época e os transmite à geração seguinte. Nesse sentido a arte de educar é pedagogia, funda-se numa doutrina, mas seus fins encontram-se para além da teoria. “A arte da educação, ou pedagogia deve, portanto, ser raciocinada.” (KANT, 1996, p. 22), implica em um método capaz de abarcar as potencialidades humanas e desenvolvê-las de acordo com sua natureza. Em segundo lugar, a arte de educar é difícil, pelo fato de que sua prática necessita ser aperfeiçoada por várias gerações, nesse aspecto, cada geração aprende os conhecimentos acumulados das gerações precedentes, tornando-se assim, melhor preparada para uma educação que desenvolva as disposições naturais na justa proporção e de conformidade com a finalidade daquelas, e, assim, guie toda a humana espécie a seu destino. (KANT, 1996, p. 19). Aparentemente, pode-se pensar que não se apresenta dificuldade alguma, todavia, implícito ao fato de que para o aperfeiçoamento da habilidade de educar é preciso o empenho de várias gerações. O problema está, especificamente, no fato de que uma geração pode não ser esclarecida o suficiente para educar a outra, impõe-se, portanto, a necessidade de a pedagogia tornar-se um estudo, de outro modo, nada se poderia dela esperar, sem isso a educação seria confiada a pessoas não educadas corretamente. (KANT, 1996, p. 22). É imprescindível que a geração precedente esteja envolta num espírito esclarecido, para que a próxima avance rumo à ideia de esclarecimento, sem isso, não se dará passo algum além da mera mecanicidade, fazendo da arte de educar fruto da causalidade natural, coisa que não precisaria de nenhum artifício, já que a natureza mesma poderia nos disciplinar mediante o jugo coercitivo dos obstáculos naturais; nesse caso, um alto custo seria cobrado da espécie, levando sua aniquilação quase que total. Quando muito, a educação sem sua teoria, ou seja, sem que a arte da pedagogia tenha um estudo, poderia ela vir a ser mero artesanato (*Handwerk*), “[...] um trabalho, isto é, uma ocupação que é desagradável em si mesma (penosa), e apenas atraente por seu efeito (por exemplo, a remuneração)”. (KANT, 2016b, p. 202)

Posto que a pedagogia, enquanto arte de educar, é sobretudo uma doutrina, não se deve “[...] educar as crianças para o presente estado da espécie humana, mas segundo um estado melhor, possível no futuro, isto é, segundo a ideia de humanidade e sua destinação.” (KANT, 1996, p. 22). Para isso, a teoria deve anteceder a arte, a saber, que a ciência tenha precedência sobre o mecanicismo, caso contrário, “[...] esta não se tornará jamais um esforço coerente; e uma geração poderia destruir tudo o que uma outra anterior tivesse edificado.” (KANT, 1996, p. 22). Pode, de fato, parecer estranho do ponto de vista individual, que

[...] gerações passadas parecem cumprir suas penosas tarefas somente em nome das gerações vindouras, preparando para estas um degrau a partir do qual elas possam elevar mais o edifício que a natureza tem como propósito, e que somente as gerações posteriores devam ter a felicidade de habitar a obra que uma longa linhagem de antepassados (certamente sem esse propósito) edificou, sem mesmo poder participar da felicidade que preparou. (KANT, 2016a, p. 23)

Na educação, as intenções não são sem propósito, nem visa à felicidade somente, tem com fim a moralidade e a consciência de que a espécie progride, de que as “[...] gerações futuras deem um passo a mais em direção ao aperfeiçoamento da humanidade, uma vez que o grande segredo da perfeição da natureza humana se esconde no próprio problema da educação.” (KANT, 1996, p. 15). De fato, de um ponto de vista prático, o problema da educação consiste nisto: uma geração educa a outra em vista da perfeição da natureza humana que não é outra, senão moral, dessa maneira, “Note-se que ele [o homem] só pode receber essa educação de outros homens, os quais a receberam igualmente de outros.” (KANT, 1996, p. 15). Nessa série infinita de aperfeiçoamento, a educação enquanto ideia, assume a função reguladora da perseguição de fins. Sendo ela um conceito da razão, é a possibilidade da experiência educativa, é também fim da doutrina da educação e, para a arte de educar, isto é, para a pedagogia, a ideia de educação é o máximo grau de perfeição a que se deve comparar a educação do tempo presente.

REFERÊNCIAS

- KANT, Immanuel. *Antropologia de um ponto de vista pragmático*. Tradução de Clelia Aparecida Martins. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- KANT, Immanuel. *A paz Perpétua e outros opúsculos*. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2016a.
- KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. 5. ed. Tradução de Manuela Pinto e Alexandre Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.
- KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade do juízo*. Tradução de Fernando Costa Mattos. Petrópolis: Vozes: Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2016b.
- KANT, Immanuel. *Lições de ética*. Tradução de Bruno Cunha et al. São Paulo: Editora Unesp, 2018.
- KANT, Immanuel. *Lições sobre a doutrina filosófica da religião*. Tradução de Bruno Cunha. Petrópolis: Vozes. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2019.
- KANT, Immanuel. *Lógica*. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.
- KANT, Immanuel. *Œuvres Philosophiques*. Tradução de Ferdinand Alquié et al. Tome I. Paris: Librairie Gallimard, 1980.
- KANT, Immanuel. *Œuvres Philosophiques*. Tradução de Ferdinand Alquié et al. Tome II Paris: Librairie Gallimard, 1985.
- KANT, Immanuel. *Œuvres Philosophiques*. Tradução de Ferdinand Alquié et al. Tome III. Paris: Librairie Gallimard, 1986.
- KANT, Immanuel. *Reflexões de Antropologia: Sobre o sentimento de prazer e desprazer*. 2º livro. Tradução de Daniel Omar Perez. São Paulo: Instituto Langage. 2021.
- KANT, Immanuel. *Réflexions sur l'éducation*. Tradução de Alexis Philonenko. Paris: Vrin, 2000.
- KANT, Immanuel. *Sobre a Pedagogia*. Tradução de Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: Editora Unimepe, 1996.
- KANT, Immanuel. *Werkausgabe*. Werke in zwölf Bänden. Suhrkamp. Bänden von I bis XII. Frankfurt, 1968.
- PHILONENKO, Alexis. Introduction: Kant et le problème de l'éducation. In: *KANT, Réflexions sur l'éducation*. Traduction, introduction et notes par A. Philonenko. Paris: Vrin, 2000.

NOTAS

- 1 O desenvolvimento das disposições naturais estão em consonância com os usos da razão: um uso instrumental em vista do manuseio das coisas, um uso pragmático, por conta das relações sociais e, um uso prático, em vista do cumprimento da lei moral. Podemos perceber que a *Pedagogia* também organiza-se nesses três usos da razão para conseguir desenvolver as disposições naturais, visto que o processo educativo só tem sentido a partir desses usos, assim, “[...] a educação consiste: 1) na cultura escolástica ou mecânica, a qual diz respeito à habilidade: é, portanto, didática (*Informator*); 2) na formação pragmática, a qual se refere à prudência; 3) na cultura moral, tendo em vista a moralidade.” (KANT, 1996, p. 36)
- 2 Todas as citações, diretas ou indiretas, fazem referência às traduções que julgamos mais adequadas, na seguinte ordem: autor, ano, página, para melhor situar o leitor nas obras. Quando houver necessidade de citar diretamente os originais, utilizaremos a *Werkausgabe. Werke in zwölf Bänden. Frankfurt: Suhrkamp*, 1968. Para isso, de modo excepcional, as citações dos originais se põem do seguinte modo: B seguido de números em algarismos romanos, que indicam o volume, em seguida o número da página com numeração arábica, por exemplo: “KANT, BXII, p. 23”. No corpo do texto e citações as abreviaturas estarão em itálico, assim como os termos e citações em língua estrangeira. Seguem, portanto, as abreviaturas utilizadas no texto: *Fundamentação*: Fundamentação da metafísica dos costumes; *KpV*: Crítica da Razão Prática; *KrV*: Crítica da razão pura; *Pedagogia*: Sobre a Pedagogia; *Religião*: A religião nos limites da simples razão; *KU*: Crítica da faculdade do juízo
- 3 Philonenko (2000, p. 17) afirma que ao lermos a *Pedagogia* podemos observar que a metafísica kantiana não impede soluções equilibradas na educação. O sistema kantiano costuma resolver todas as questões de modo surpreendente e adequado, na *Pedagogia* não é diferente, o que surpreende adequadamente é o uso da experiência. Nessa obra, o sistema não propõe visões abstratas, ao contrário, conduz a uma apreensão da realidade que considere o que é possível e o que não é. Segundo o comentador, a metafísica de Kant intervém na educação do momento presente - não para entrar no abstrato, mas para trazê-lo para a realidade. Na *Pedagogia*, pensamento e experiência unem-se, iluminando e orientando-se mutuamente. Para nós interessa menos o que surpreende e mais o que conserva, porque como temos tentado, evidenciar de certo modo o fato de que a *Pedagogia* está em inteira concordância com o sistema kantiano, aquilo que visa conservá-la em relação com o sistema é deveras mais significativo. Logo, levar em conta que a educação é uma ideia e, como tal, um conceito da razão, é de suma importância para compreender a fundamental função da experiência no processo educativo.
- 4 Por certo que, quando se trata do desenvolvimento das disposições naturais, especialmente, da disposição moral, temos que levar em conta o que Kant entende por espécie. A espécie é a unidade de todas as gerações passadas e vindouras, isto é, o todo dos homens. Portanto, a exigência da natureza de que o aperfeiçoamento humano se dê na espécie e não no indivíduo, remete-se não ao gênero humano, enquanto espécie singular no tempo presente, de modo que seja dada importância à observação das gerações passadas e a espera das gerações futuras. A partir disso, podemos considerar que seria necessário que o indivíduo vivesse um tempo incomensuravelmente longo para aprender como deveria usar com perfeição todas as suas disposições naturais, porém, a natureza estabeleceu apenas um breve prazo à sua vida, então, o desenvolvimento das disposições naturais necessita de uma série ininterrupta de gerações, das quais uma transmite à outra os seus conhecimentos, para que finalmente alcance o estágio de desenvolvimento que é de todo adequado à sua intenção. (KANT, 2016a, p. 22).